

O ANTIBUCOLISMO EM LUIS MIGUEL NAVA

Alilderson Cardoso de Jesus (Doutorando em Literatura Portuguesa - UFRJ)

Autor de uma obra forçosamente curta, abreviada por um brutal assassinato em 1995 Luis Miguel Nava, poeta, crítico e tradutor português, infelizmente não possui, apesar de seu revelo, uma publicação brasileira de qualquer um de seus exemplares separadamente ou mesmo da reunião de sua poesia completa em livro único publicada em Portugal em 2002.

Nascido a 29 de setembro de 1957 em Viseu, o Professor de Literatura Francesa em Oxford, que residira na Bélgica desde 1986, chegou ao meu conhecimento através de Curso de Pós-Graduação Ministrado por Jorge Fernandes Silveira, hoje meu orientador. Fui da perturbação ao encantamento e não sei se ainda se não sou cativo da perturbação daquele primeiro contato. Talvez seja ela a me guiar neste momento para uma espécie de estranho *streap tease* cuja nudez é o caminho da vertigem e do devaneio;

É então
que, com
frequência, me
apetece abrir o
peito, expor
todas
as vísceras, os
órgão sobre os
quais a luz do
coração
incide, e que,
se acaso o sol
me sobe na
consciência,
sinto
os dedos
regressarem
lentamente às
mãos.(Nava,20
02,p.135)

Com uma carga de violência e erotismo muito distante dos lugares comuns nos quais eventualmente nossa imaginação, ou a ausência dela, busca asilo, o poeta executa uma improvável harmonização entre partes do corpo, paisagens e fenômenos climáticos, interpenetrando carne e selva, concreto e abstrato. Em sua poética o arbusto, o radar, as vísceras são tragados, como sugere *O céu sob as entranhas* (título de uma de suas obras), para uma anatomia absorvente, numa inquietante reordenação.

- o que neste título pode causar estranheza é, efectivamente, a preposição. Quanto ao resto, ou seja, à relação entre o céu e as entranhas, trata-se de algo que aparece em vários poemas meus, tanto neste livro como em livros anteriores. Neste último, há, por exemplo, um poema intitulado “Frestas”, onde se refere “um céu deserto” estendido sobre as vísceras, o que podendo ser uma imagem um tanto quanto insólita, é no entanto talvez mais facilmente aceitável, sobretudo por quem não esteja muito familiarizado com meu universo.(Nava, 1997p.103)

Como se vê, dimensões e proporções submetem-se ao extraordinário. Como quem planta uma ilha num copo, o poeta enfia o céu sob arranjo delimitado do corpo. Tal particularidade é ainda visível em outras obras suas como *Películas*, *Onde à nudez*, *Como alguém disse*, *A inércia da deserção*, *Rebentação*, *Vulcão* entre outras.

O rigor semântico com que acolhe palavras recorrentes (“céus” “espinhos”, “espírito” “mar”, “rapaz”, pele, “carne”, “perfurar” “romper”) fez-me ver em Luis Miguel Nava um arquiteto cujo o desenho do espaço é permeado pelas vísceras do anatomista. Este universo que hostiliza as fronteiras entre exterior e interior, que, como afirma Eucanaã Ferraz(2004, p. 25), nega “haver dentro e fora”, trouxe-me até aqui, até árdua tarefa de ser devorado por quem não decifro.

A natureza original de sua poesia cria uma outra natureza despida de qualquer espírito de bucolismo em que fenômenos e climas interagem com veias, artérias e sangue.

Inquinam-se as
imagens, à

pequena
 rotação do
 outono,
 o dia
 decompõe-se, o
 sangue explode
 contra a
 claridade.
 (Nava,2002,
 p.45)

Esta concepção bastante sediciosa impõe ao olhar um convívio com uma atmosfera a “estilhaçar” um mistério: o corpo e, com isso, a relação que com ele travamos: via de regra situada entre o fetiche consumista e o mais cínico pudor. Fetiche que se estende à natureza, ainda hoje, “totemizada” como obra perfeita.

A esse respeito permito-me uma breve digressão que inclui o texto “A única natureza é a humana” de Miguel Esteves Cardoso. Formando em filosofia pela mesma Oxford em que atuou nosso poeta, o cronista muito conhecido em Portugal enumera a superioridade do que é artificial em relação ao que seriam as dádivas naturais; proposição que, no mínimo, afasta-se do comum sentimento exaltatório do bucolismo e de seus efeitos benfazejos, quando não milagrosos.

O mar que tem uma certa graça, nada é ao pé do que se escreveu acerca dele (...). As paisagens podem ser impressionantes para aí durante trinta segundos, depois de três horas de viagem de carro, mas são entediadas e inferiores às pinturas, às fotografias, às descrições. As rochas e as montanhas são uma seca, comparadas (se é que sequer podem compara-se às construções humanas, às catedrais, às cabanas, às casas

As ervas naturais são, em boa verdade uma bela porcaria. Crescem e pouco mais. Em Contrapartida, as grandes empresas de farmacêuticos investigam e descobrem excelentes medicamentos, são a prova de que a natureza é verdadeiramente selvagem e ineficaz. Troco todos os chás da face da terra por um bom Lexotam. (..)(1 Cardoso,1992: 13)

Apartando-me desta digressão, que considero peculiarmente divertida, retorno a Luis Miguel Nava para afirmar sua não hierarquização a favor da natureza. Interessa-lhe uma fusão com ela, a ponto do rompimento de fronteiras provocar a absorção do corpo pela paisagem e vice versa, verificável nos versos abaixo.

Só assim
 poderia avaliar
 que pés
 tem o facto de
 eu sentir que o
 céu se encontra
 dividido e
 uma, das partes
 se alojou
 transversalment
 e no meu
 corpo.(Nava,
 2002, p.122.)

Antes de qualquer elegia pura à natureza, em Nava há gosto pela “mecânica” uma obsessão que se manifesta através dum vocabulário reincidente em que o funcionamento das coisas, do corpo, do mundo afasta-se de qualquer carácter prosaico, permeado por extraordinárias relações de causa e efeito.

A certa altura deixou de defecar. Tudo que nele era excremento era expelido para a memória cujas imagens a breve trecho começara a ir perdendo a consistência, amolecidas algumas delas pelas mais variada espécie de dejectos e despredendo-se de todas, mesmo das que quando era criança, um cheiro de tal modo nauseabundo que o levou a reccar lembra-se fosse do que fosse e a aplicar-se no traçado d s fronteira da memória, para aí erguer um muro que impedisse o alastramento do contágio a outras zonas igualmente vulneráveis do seu espírito.(Nava,2002, p.239)

Os frutos da tecnologia, a maquinaria pesada são raízes da mesma árvore cujos galhos dão folhas e pássaros. Fernando Pinto Amaral(Nava,2002, p.17) ressalta que Nava tende a reunir “elementos provindos de áreas tradicionalmente literárias e de outros que a literatura tem resistido a explorar, por estarem ligados aos aspectos mecânicos ou técnicos da sociedade industrial em que vivemos”. O que, de certo modo,vai ao encontro do que

afirma Eucanaã Ferraz quando acusa, na poesia naviana, “uma vontade de ciência”, que “desconcerta todos os saberes constituídos anteriormente”(Ferraz, 2004,p.99). O que, por sua vez, se coaduna com que Silvia Rodrigues Lopes(1997,p.17) chama de “vontade de teoria”.

“Arquiteto,“anatomista” ou “cientista” Luis Miguel Nava percorre o planeta a partir e através da pele, que Carla Miguelote identifica como “grande lona a cobrir o mundo”. A pele num de seus poemas “serve de céu ao coração”, as vezes é folha como no poema “A sombra”.

Se o homem
fosse uma
árvore seria
diferente de
todas
as restantes,
dado que é no
centro do seu
corpo, e não na
extremidade,
que se
encotram às
raízes. Refiro-
me, evi-
detemente ao
coração , esse
órgão a partir
do qual ganham
sentido as
outras partes ,
sendo
indubitavelmen
te a pele o
que no corpo
corresponde as
folhas.

Talvez pareça
insólito trazer
dentro de si,
escondidas
no âmago, as
raízes, em lugar
de as espetar na
terra. De tal
modo a esta se
associa a ideia

de raiz que
quase somos
compelidos a
pensar que o
coração é
subterrâneo,
que
entre ele e o
que do nosso
corpo vemos há
uma linha
divisória, uma
demarcação
correspondente
àquele outra,
horizontal, que
habitualmente
representa o
solo.

Importa, na
verdade,
salientar que se
entre a pele e o
Coração, como
entre as folhas
e a raiz, parece
ao mesmo
Tempo haver
um traço de
união que o
tronco, por seu
turno,
Configura, tal
união, que além
do mais
esconde o
intran-
ponível hiato
que os separa, é
menos real do
que aparente.
Pense-se no
fosso que nos
jardins
zoológicos há
entre as
feras e as
pessoas e ter-
se-á uma ideia
desse abismo.

O que é que
neste caso são
as feras – a pele
ou o
Coração – é
que é talvez

difícil de dizer.
 De tal modo às
 Vezes frondoso
 o coração que
 tal a pele se
 acolhe à
 sua
 sombra.(Nava,
 2002,p.167)

Como disse Valery “não há nada mais profundo que a pele”. Ela expõe de forma mais evidente os sinais de envelhecimento, transporta as marcas do tempo, assim como identifica a raça; e a poesia de Luis Miguel Nava atribui-lhe importância e profundidade. Juntamente com “pele” o sema “raiz” é recorrente na poesia naviana. “Raiz” e “pele” podem significar “origem”. A pele nas culturas primitivas pode ser o elemento de sentida interlocução com a natureza e com o divino. As bênçãos são recebidas através de marcas que se lhe infligem. Em rituais primitivos gravar na pele, fazê-la sangrar, marcá-la para sempre é demonstrar respeito pela divindade a que se oferta tal sacrifício.

Na poesia de Luis Miguel Nava a pele é atravessada, perfurada, suspensa por guindastes, não só por espinhos ou pregos, mas também pelo céu “objeto pontiagudo” aloja-se em sua superfície tão elástica tão apta a experiências tão brutais e sensitivas. Assim como nesta obra um rapaz pode ser comparado a um campo de relâmpagos, um “mar pode dar lugar a relâmpagos. Os órgãos se abrem ao mundo, longe da banal associação com a carícia, abrem-se como um grande catalisador deste mundo e seus fenômenos, sendo sua extensão ou seu princípio. O rompimento de fronteiras entre *phisis* e corpo passa, não por um processo de endeusamento da natureza, nem de apequenamento diante dela, mas sim por um manifesto pungente e irreversível de indistinção sintetizada no verso atei uma ligadura ao mundo.

BIBLIOGRAFIA

AMARAL, Fernando Pinto do. Prefácio in: *Poesia Completa*. Lisboa: Dom Quixote, 2002.

CARDOSO, Miguel Esteves. *A causa das coisas*, Lisboa: Assírio & Alvim, 1992.

FERRAZ, Eucanaã. Luís Miguel Nava: sinais de uma ciência. *Revista Metamorfoses* 5: 97-108. Lisboa: Caminho e Cátedra Jorge de Sena, 2004.

REVISTA *RELÂMPAGO* n° 1. [Luís Miguel Nava]. Lisboa: Fundação Luís Miguel Nava e Relógio d'Água, 1997.

LOPES, Silvia, Rodrigues. Representação em face do irreparável *Revista Relâmpago* n° 1: 17-20. Lisboa: Fundação Luís Miguel Nava e Relógio d'Água, 1997.

NAVA, Luis Miguel.

